

REPRESENTAÇÕES DOS ANIMAIS NOS POVOS INDÍGENAS PANKARARU NO SEMIÁRIDO PERNAMBUCANO, BRASIL

Jaciara Raquel Barbosa de Lima (1); Carlos Alberto Batista dos Santos (2)

¹Universidade do Estado da Bahia (UNEB); raquelzinha.lima@hotmail.com

¹Universidade do Estado da Bahia (UNEB); cacobatista@yahoo.com.br

Resumo: O estudo apresenta uma tentativa de compreensão sobre como os povos Pankararus percebem e interagem com os animais silvestres e quais as consequências dessas relações para a conservação da fauna local. O estudo foi realizado na aldeia Pankararu localizado próximo ao vale do rio São Francisco, entre os municípios de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. Os povos Pankararús associam 19 animais silvestres a mitos, lendas ou crenças religiosas. Os animais citados estão distribuídos em duas categorias taxonômicas: anfíbios e aves. Estas representações sociais para os índios Pankararús constituem práticas culturais e ecológicas importantes, uma vez que as crenças e mistíssimos associados aos animais nessa comunidade limitam o seu uso e conseqüentemente a caça e captura desses animais.

Palavras chaves: percepção, fauna, conservação, representação social.

Abstract: The study presents an attempt to understand how the Pankararus people perceive and interact with wild animals and the consequences of these relations for the conservation of local wildlife. The study was conducted in Pankararu village located near the Valley of the São Francisco River, between the municipalities of Tacaratu, Petrolândia and Jatoba in the state of Pernambuco, northeastern Brazil. The Pankararus people associate 19 wild animals myths, legends or religious beliefs. The animals mentioned are distributed in two taxonomic categories: amphibians and birds. These social representations for Pankararus Indians are important cultural and ecological practices, as the beliefs and mistíssimos associated with animals in this community limit their use and therefore the hunting and capture of these animals.

Key words: perception, wildlife, conservation, social representation.

Introdução

A interação estabelecida entre o homem e os recursos naturais constitui prática indispensável para a espécie humana, pois é da natureza que este obtém os recursos utilizados na alimentação, vestuários, uso medicinal, mágico-religiosos e na produção de ferramentas (ALVES; SOUTO, 2010), além da presença dos animais em diversas expressões culturais, em vários grupos humanos. Para Santos-Fita et al. (2009) a interação que a espécie humana mantém com os animais tem contribuído para a construção de sua história evolutiva, tanto biológica como cultural.

Para Turbay (2002), estas interações são baseadas no dualismo entre animal versus humanidade, na qual o ser humano pode visualizar-se como uma espécie biológica pertencente à natureza, ou como uma espécie superior à condição de animal com o propósito de controlar a natureza, para usá-la, transformando-a ou conservando-a. Sobre a forma de relação que o homem mantém com a natureza, Balandier retrata que:

Toda sociedade possui uma teoria de natureza que lhe é própria, que se expressa em suas configurações intelectuais, senão igualmente em complexos de símbolos de instrumentos e de práticas (BALANDIER *apud* WALDMAN, 2006, p. 40).

Este conhecimento sobre a natureza é fruto da convivência e manipulação dos recursos naturais, baseada na observação e práticas cotidianas através da qual se estabelece o conhecimento empírico (ELLEN, 1997). No entanto, este conhecimento não é muitas vezes validado pela ciência moderna, que segue o paradigma do racionalismo, onde se prioriza as regras metodológicas, que para o padrão científico vigente seria o rigor necessário à construção do conhecimento verdadeiro e único perante a ciência moderna (DIEGUES, 2000).

Dessa forma, surge a necessidade de um novo paradigma que venha superar a dicotomia entre conhecimento científico e senso comum, construindo uma ciência voltada para compreensão do mundo, abrangendo as diferentes percepções da sociedade. Para Santos (1995) este novo paradigma surge como o conhecimento pós-moderno, um conhecimento total, não dualista, que abrange a sociedade e a natureza,

superando distinções entre natureza/cultura, natural/artificial, vivo/inanimado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa.

Segundo Mira (2012) para a concretização dessa mudança é necessário uma reflexão acerca da dominação do conhecimento científico para que se abra uma possibilidade de inclusão de outras formas de metodologias e técnicas de pesquisa, a exemplo da proposta da ecologia dos saberes, através do diálogo com os diversos saberes e o conhecimento científico, construindo uma relação entre ciência e prática social.

O estudo das diferentes interpretações que o homem apresenta sobre os animais pode ser abordado segundo a teoria da representação social, definida como o senso comum que se tem sobre um determinado tema, incluindo os preconceitos, ideologias e características que especificam das aditividades das pessoas (MOSCOVICI, 2005).

Em relação aos povos indígenas, a cultura destes povos é construída através da utilização de símbolos, de objetos, de utensílios do seu dia-a-dia. É por meio do objeto que os mesmos remetem à fala do grupo em seu relacionamento e onde tudo tem um significado. Essa fala passa de geração a geração, dando um significado ao saber construído no cotidiano, onde o conhecimento informal é transmitido oralmente pelos mais velhos, baseado em experiências acumuladas de um passado de memórias que está muito mais longe de todos os passados (HERMEL, 1988). Para estas sociedades há uma ligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social, inexistente uma classificação dualista, uma linha divisória rígida entre o “natural” e o “social”, mas sim um contínuo entre ambos (DIEGUES; ARRUDA, 2007).

Sendo a cultura o meio de interação do homem em sociedade com o seu entorno natural, a diversidade cultural não pode ser dissociada da diversidade biológica, uma vez que as questões ambientais, tanto no passado quanto nos dias atuais, envolve aspectos econômicos, sociais, políticos e ideológicos, não podendo ser melhorada sem levar em consideração todas essas questões (WALDMAN, 2006).

Assim, é preciso discutir a relevância das representações dentro da coletividade e como elas influenciam nas decisões que os seres humanos tomam individualmente (REIGOTA, 2010), uma vez que é por meio da cultura pelo qual o homem em sociedade interage com seu ambiente natural (LEFF, 2009), na qual a diversidade cultural não pode estar dissociada da diversidade biológica. As formas de representações dos animais nas coletividades podem influenciar o modo como estes

animais são percebidos pelas diferentes culturas, contribuindo para um maior ou menor uso e exploração dos recursos faunísticos. O trabalho proposto objetivou investigar a percepção que os índios Pankararu apresentam sobre os animais e quais as contribuições dessas interações para a conservação da fauna local.

Material e Método

Área de Estudo

O estudo foi realizado na aldeia indígena Pankararu, localizado próximo ao vale do rio São Francisco, entre os municípios de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. Os índios Pankararu formam uma população de cerca de 4.000 pessoas que habitam uma área demarcada de 8.100 hectares (MORGADO & SENA, 2007; MATTA, 2005). Sua economia está sustentada basicamente da agricultura familiar, cultivando roças de feijão, milho, mandioca e da colheita de frutas como pinha, goiaba, manga, caju, murici, banana e umbu (MAGALHÃES & MOURA, 2008). Outra atividade econômica importante nesta região é o artesanato, baseado na produção de cestos, abanos e bolsas de cipó, vassouras, mantas e potes de barro.

Coleta e Análises de dados

As informações foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas. A primeira visita ao aldeamento Pankararu, teve como finalidade observar o cotidiano da comunidade. Foram entrevistados 20 indígenas aldeados, sendo 9 homens e 11 mulheres, com idades variando de 41 a 78 anos, residentes nas aldeias: Brejo dos Padres, Fonte Grande, Carrapateira, Calderão e Gitor. Os questionários abordavam questões sobre restrições a utilização de animais, percepção e crenças relacionadas aos animais silvestres. No início de cada entrevista era explicado aos participantes do que se tratava a pesquisa e quais os seus objetivos, os mesmo tomaram conhecimento ainda de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido concordando em participar da pesquisa. Para análise de dados foi utilizada a metodologia qualitativa que permitiu o esclarecimento de como os povos Pankararu percebem e interagem com os animais silvestres locais. Os dados foram processados seguindo a abordagem emicista/eticista, na qual os conhecimentos

são comparados com aqueles correspondentes ou correlacionados na literatura científica, conforme utilizado por Marques (1995).

Resultados e Discussão

Os informantes indígenas da etnia Pankararu, citaram crenças e restrições alimentares relacionadas a 19 espécies animais distribuídos em duas categorias taxonômicas: anfíbios e aves. As aves citadas tiveram uma maior representatividade por serem considerados animais sagrados, esta afirmação pode ser evidenciados através dos depoimentos: “Os pássaros são símbolos de encantados, não pode matar não”; “Gavião representa um tipo de guia”; “Lavadeiras não pode matar por que ela lava a roupa de Nosso Senhor, rolinha e beija-flor também não”; “Pássaro vivin não mato por que ele é como se fosse um mensageiro, por que ele traz a notícias”.

A restrição alimentar da lavadeira (*Fluvicola nengeta*) também foi registrada em outros estudos desenvolvidos na região Nordeste (GALVAGNE LOSS; COSTA NETO; FLORES, 2014; MARQUES 2005; FARIAS E ALVES 2007;), demonstram que para diversos grupos humanos, caçar ou comer esta ave é um pecado, pois é considerada pelas comunidades como uma ave abençoada por Nossa Senhora e Jesus Cristo.

Algumas aves são ainda eliminadas da dieta e da caça praticada pelos Pankararus por estarem associados a maus agouros:

“O rasga mortalha é um pássaro que traz notícia ruim” (Sr. R)

“Urubu e coruja não como por que eles traz mal sorte” (Sr. I)

Em estudo desenvolvido no povoado de Pedra Branca, em Santa Terezinha na Bahia o urubu é eliminado da dieta devido ao seu comportamento alimentar, sendo consideradas aves “sujas”, e a coruja (*Hydropsalis albicollis*) tem seu consumo restrito devido ao hábito noturno, acredita-se que o consumo dessa ave causa insônia (GALVAGNE LOSS; COSTA NETO; FLORES, 2014).

Os anfíbios representam para os Pankararús, espíritos encantados e protetores das águas por habitarem as nascentes dos rios:

“Gua que fica na nascente, quem mata morre”

“Os animais das nascentes não pode caçar por que eles são encantados que estão em forma de animais”

“Gias de peitinho não pode matar por que são mãe d’agua.”

Uma restrição de caça importante ocorre durante o período reprodutivo dos animais, por meio da proibição da caça de animais silvestres nesse período, e quando capturam filhotes ou fêmeas por engano os liberam. Para Pereira e Schiavetti (2010) esta prática pode ser positiva para a conservação dessas espécies, uma vez que a caça ocorrendo em menor proporção, as populações de animais conseguirão se recuperar da exploração. Segundo Alvard (1995) em um comportamento conservacionista espera-se haver preferência por machos em relação às fêmeas, contribuindo para o recrutamento populacional da espécie.

Costa-Neto (2000) aponta que mesmo a interação mágico-religiosa estando presente em diversas culturas, os estudos tem negligenciado esta atividade pelo fato de ser considerada por muitos pesquisadores como folclore de comunidades indígenas e tradicionais, entretanto, esta pode apresentar-se como importante estratégia de conservação da fauna, quando essas interações envolvem restrições de uso devido a associação de divindades aos animais. Conforme Galvagne Loss *et al.* (2014) diversos estudos indicam que a crença e restrições alimentares de animais podem estar ocasionando a preservação da fauna.

Considerações Finais

As representações sociais para os Povos Pankararus constituem práticas culturais e ecológicas importantes, uma vez que as crenças e mistérios associados aos animais nessa comunidade limitam o seu uso e conseqüentemente a caça e captura desses animais. A compreensão dessas representações auxiliará na busca de estratégias e solução dos problemas ambientais (REIGOTA, 2010), uma vez que as

representações dentro de uma coletividade influenciam nas decisões dos seres humanos.

Dessa forma, as representações sociais dos animais pelos indígenas Pankararu, contribuem na redução dos impactos gerados pela captura de aves e anfíbios, e consequentemente contribuir com a sustentabilidade dos ecossistemas, uma vez que a percepção e representação do mundo natural por uma sociedade específica influencia a forma de exploração dos recursos naturais.

Referências Bibliográficas

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um Discurso sobre as Ciências**. Porto: 7 ed. Edições Afrontamento, 1995. 58p.

COSTA-NETO, Eraldo Medeiros. 2000. Conhecimento e usos tradicionais de recursos faunísticos por uma comunidade afro-brasileira. Resultados preliminares. **Interciência**, 25(009): 423-431.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. São Paulo: Hucitec/NUPAUB, 2000.

DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira; SILVA, Viviane Capezzuto Ferreira da; FIGOLS, Francisca Aida Barboza; ANDRADE, Daniela. **Saberes Tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministerio do Meio Ambiente, 176 p., 2007.

ELLEN, Roy. **Indigenous knowledge of the rainforest: perception, extraction e conservation**. Disponível em: <<http://www.lucy.ukc.ac.uk/Rainforest/malon.htm>>. 1997. Acesso em 18 novembro 2015.

FARIAS, Gilmar Bezerra de; ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves. Aspecto históricos e conceitos da etnoornitologia. **Biotemas**, v. 20, n. 1, p. 91-100, 2007.

GALVAGNE- LOSS, Ana Tereza; COSTA NETO, Eraldo Medeiros; FLORES, Fernando Moreira. Aves silvestres utilizadas como recurso trófico pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Teresinha, Bahia, Brasil. **Gaia Scientia**, v. 01, n. 14, 2014. Disponível

em < <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/gaia/index>>. Acesso em 30 mar. 2015.

HERMEL, Priscilla Barrak. **O Sentido Mítico do Som**: ressonância estética da música tribal dos índios Cinta – Larga. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de estudos de pós graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1988.

LEAL, Inara Rosa; TABARELLI, Tabarelli; SILVA, José Maria Cardoso da. **Ecologia e conservação da Caatinga**. Editora Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, 2003.

MAGALHÃES, Jorge; MOURA, Marcelo. **Contraste e identidade entre duas comunidades da etnia Pankararú**. Brasil Indígena, ano III, n. 4, 2008.

MARQUES, José Geraldo Wanderley. **‘É pecado matar a esperança, mas todo mundo que matar o sarigue’**. **Etnoconservação e catolicismo popular no Brasil**. In: ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves; LUCENA, Reinado Farias Pereira de; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino (Eds). *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*, Recife: NUPPEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2005. v. 2, p. 25–43.

MARQUES, José Geraldo Wanderley. **O olhar (des) multiplicado. O papel da interdisciplinaridade e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. In: AMOROZO, Maria Christina de Mello; MING, Lin Chau; SILVA, Sandra Maria Pereira da (Org.). *Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas*. Rio Claro: UNESP/CNPq, p.31-46, 2002.

MATTA, Priscila. **Dois Elos da Mesma Corrente**: Uma Etnografia da Corrida do Umbu e da Penitência entre os Pankararu. São Paulo: USP, 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

MIRA, Feliciano José Borralho de. **Pluralidade Epistemológica, Metodologias e Experiências de Vida**. In: VII Conferência Portuguesa de Sociologia. Porto. *Actas da VII Conferência Portuguesa de Sociologia*, 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

PEREIRA, Jussara Paula Rezende; SCHIAVETTI, Alexandre. Conhecimentos e usos da fauna cinegética pelos caçadores indígenas “Tupinambá de Olivença” (Bahia). **Biota Neotropica**, v. 10, n. 1, 2010. Disponível em <

(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br



<http://www.biotaneotropica.org.br>>. Acesso em 10 mai. 2015.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS-FITA, Didac; COSTA NETO, Eraldo Medeiros. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozoologia. **Biotemas**, UFSC, v. 20, p. 99-110, 2007.

SANTOS-FITA, Didac . et al. **El Queahacer de la Etnozoología**. In: Costa- Neto, Eraldo Medeiros; SANTOS-FITA, Didac; CLAVIJO, Mauricio Vargas. Manual de etnozoologia: Uma Guía Teórico-Práctica para Investigar la Interconexión del Ser Humano on los Animales. Tundra ediciones. p. 23- 44.

WALDMAN, Maurício. **Meio ambiente & antropologia**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

